

Elaboração de Glossário na Área de Organização e Tratamento da Informação: um relato de experiência

Martha E. K. Kling Bonotto, MS
Glória Isabel Sattamini Ferreira, MS
Regina Helena van der Laan, PhD.

RESUMO

Relato da experiência sobre a elaboração de um Glossário da Área de Organização e Tratamento da Informação, por professores do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Surgiu da constatação da diversidade de denominações utilizadas pelos professores e na própria literatura da Área. Este glossário servirá de ponto de partida para o desenvolvimento de uma obra didática. Apresenta etapas da metodologia utilizada embasada teoricamente na TCT - Teoria Comunicativa da Terminologia.

1 Antecedentes

Se fizermos uma retrospectiva, constataremos, como lembra Guimarães e Silva (1999, p.91) que, no século XIX, quando se constituem as Ciências Sociais, as mesmas são rotuladas pelas Ciências Exatas como “ciências do inexato, do impreciso, do fluido” e conclui com Moles¹ citado por Guimarães e Silva, que uma das grandes questões que envolve as Ciências Sociais é seu caráter pré-paradigmático e o fato de não apresentarem um consenso em relação a um conjunto de princípios e teorias sobre o homem, que tenham sido aceitos por todos os integrantes da área.

Concordamos ainda com Almeida Júnior (2000, p.32-33) que acompanhar as mudanças sociais implica, em qualquer área, uma modificação interior. Os profissionais bibliotecários não ficaram alheios às transformações sociais e, para acompanhar tais transformações, a Biblioteconomia também precisou se adequar às necessidades informacionais da sociedade.

Assim, é preciso explicitar quais as bases que fundamentam essas mudanças para que fique claro que essa adequação a uma realidade modificada não ocorreu meramente de forma intuitiva. Constata-se o esforço realizado por vários profissionais da área no sentido

¹ MOLES, A. **As ciências do impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995. p.18 Apud GUIMARÃES e SILVA, 1999. p.91

da construção de uma epistemologia que, ainda segundo Moles² citado por Guimarães e Silva, é na verdade “um conjunto de regras para chegar à verdade”. Dessa forma emerge a necessidade de construção de paradigmas norteadores do nosso fazer. Hoje talvez possamos afirmar que o paradigma que se impôs é o do acesso a informação, não mais o da simples disponibilização.

Thomas Kuhn (1975, p. 257) em sua obra “A Estrutura das Revoluções Científicas” ensina que: “[...] a reconstrução da área de estudos é feita a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações.” E como toda mudança necessita de um período de acomodação, concordamos com Oliveira (2002, p.47) quando afirma que “[. . .] apesar da ação revolucionária do novo paradigma, há um período de transição entre o velho e o novo modelo, havendo coincidências entre os problemas que podem ser resolvidos por ambos.”

Por outro lado, concordamos também com Guimarães (2000, p. 57), que afirma que “A dimensão investigativa constitui-se o compromisso da universidade com uma postura de reflexão visando a geração de conhecimento novos”. E, por acreditar nesse comprometimento, os docentes da Área de Organização e Tratamento da Informação da UFRGS vêm desenvolvendo pesquisas, entre as quais uma que visa contribuir para essa ciência, caminhando em direção ao fortalecimento de sua epistemologia.

Em 1982 foi criado um novo currículo mínimo para os Cursos de Biblioteconomia no Brasil, cuja gênese, segundo as palavras de Guimarães (2000, p. 58), “[...] estava na tentativa de ruptura com uma visão demasiado tecnicista (fruto de uma influência notadamente norte-americana) das décadas de 30 a 60”. Assim, as diretrizes do novo currículo anunciavam um novo olhar sobre a área e uma abordagem diferente.

O Departamento de Ciências da Informação (DCI) da UFRGS procedeu a uma reforma curricular no ano de 2000, evidenciando sua preocupação com a atualização do Curso de Graduação em Biblioteconomia, em consonância com tendências internacionais e sinalizando para uma busca de caminhos na esfera nacional. No bojo das reflexões levadas a efeito nessa ocasião, a Área de Organização e Tratamento da Informação também fez

² MOLES, A. **As ciências do impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995. p.18 Apud GUIMARÃES e SILVA, 1999. p.91

várias reformulações. Seguindo essa linha, verifica-se que no referido Currículo, e em sintonia com os países que integram o MERCOSUL, consta que a organização dos conteúdos desta Área tem como objetivo oferecer uma visão integrada, partindo do princípio de que a Indexação envolve os processos de Representação Temática e Representação Descritiva. Os conteúdos da área foram organizados em três grandes categorias, a saber: fundamentação teórica, processo de representação documental e produtos de recuperação da informação. A interação entre estas três categorias permite uma circularidade do processo, proporcionando uma constante construção e reconstrução teórica e prática.

Dessa forma, a pesquisa que passamos relatar, deverá gerar, ao seu final, uma obra com textos relativos aos conteúdos ministrados nas diferentes disciplinas que integram a Área de Organização e Tratamento da Informação e que reflita também o posicionamento teórico do Curso de Biblioteconomia da UFRGS.

2 Do problema

A produção intelectual internacional, na Área da Organização e Tratamento da Informação, no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação constitui-se em acervo crescente e diversificado; não obstante, essa produção contempla predominantemente procedimentos e relatos de pesquisa e/ou experiências de profissionais que atuam nas instituições de serviços.

Esta Área também se caracteriza pela diversidade de conteúdos, como já foi mencionado, e envolve conhecimentos oriundos da Representação Temática bem como da Representação Descritiva, entre outros, hoje concebidos em uma visão mais holística, como parte de um processo maior que é a indexação. Acrescente-se a isso que a bibliografia referente à Área caracteriza-se por uma escassez de obras didáticas atualizadas, principalmente em língua portuguesa. Por isso, objetivou-se a elaboração de um produto que concretizasse toda uma reflexão teórica sobre a Área.

Logo que os textos referentes às disciplinas que compõem a Área começaram a ser elaborados, foram constatadas discrepâncias na terminologia utilizada nas respectivas subáreas. A primeira dificuldade que se apresentou foi exatamente a constatação de que não

havia uma “sintonia” terminológica. Nem entre os professores do DCI, ministrantes das disciplinas, nem entre os autores utilizados como fonte para os estudos desenvolvidos no próprio de curso de graduação. Os próprios pesquisadores na área da Biblioteconomia, como acontece em todos os campos do conhecimento, fazem uso de vocabulário de acordo com seus grupos de pesquisa, não parecendo existir, de maneira definitiva, uma padronização dentro de uma mesma área do conhecimento. O problema emergiu de forma bifacetada e sentimos necessidade de investigar, no discurso especializado da Área, se se tratava da ocorrência dos mesmos termos com divergências de sentido, ou de outra parte, se a ocorrência de termos diferentes apresentava convergências de sentido.

A ocorrência de termos diferentes com significados semelhantes e/ou idênticos ou a ocorrência dos mesmos termos com significados diferentes na literatura especializada, motivada por diferentes interpretações ou por concepções teóricas divergentes, tem sido verificada e considerada um elemento dificultador no processo ensino/aprendizagem. Isso porque dentro do contexto acadêmico há uma tendência a considerar desejável uma certa regularidade na denominação dos diferentes conceitos da área de especialidade. Talvez porque, como afirmou Benveniste, denominar, isto é, criar um conceito, é, ao mesmo tempo, a primeira e última operação de uma ciência. (1989).

A Área de Organização e Tratamento da Informação, também não foge à regra, e assim como em todas as outras áreas do conhecimento, busca-se a univocidade, que parece ser a tônica recorrente das terminologias nas ditas linguagens de especialidade. Diante dessa constatação, emergiu a necessidade de analisar criticamente esta terminologia especializada e fazer uma tentativa de estabelecer uma relação com o paradigma biblioteconômico ao qual está vinculada.

Fomos confrontados novamente com a realidade de que as mudanças nas Áreas especializadas que acompanham mudanças de paradigmas tradicionais, sempre são acompanhadas de oscilações que se manifestam em vários âmbitos e de várias formas. Uma delas, talvez a mais evidente, seja uma certa inconsistência, ou talvez pudéssemos dizer, flutuações em sua terminologia. As mudanças, de forma geral, geram novas denominações. Entre essas, surgem, também, os modismos que lançam novos termos ou maneiras diferentes de denominar procedimentos ou princípios já consolidados. Conforme observam Macedo e Modesto (1999.p. 63) “[...] a nova terminologia [está] em contínua

ascendência, porém em contradição entre os autores, confundindo as pessoas, necessitando, pois, de precisão na conceituação.” E concluem sugerindo que, se há diferenças em nomear e definir, uma caracterização deveria sempre excluir a outra.

Não concordamos integralmente com esse pensamento e consideramos que não seja tarefa tão simples como seria uma mera exclusão e substituição de denominações até “[. . .] pelo fato de não haver ainda posicionamentos paradigmáticos definitivos, mas ao contrário, de serem ambíguos, o que afeta a inexistência de uma definição que possa ser comumente aceita e suficientemente direta para esclarecer todos os termos utilizados.” (MACEDO; MODESTO 1999, p. 63) Somos antes de opinião de que “Não se trata de questionar a melhor definição, ou a definição correta, mas provocar reflexões sobre o assunto.” (MACEDO; MODESTO 1999, p. 64). E assim lançamo-nos ao trabalho.

3 A terminologia

O reconhecimento da importância da Terminologia está relacionado à preocupação dos cientistas dos séculos XVIII e XIX, com a proliferação de termos que dificultavam a comunicação entre os especialistas. O grande desenvolvimento científico e tecnológico ocorrido, principalmente a partir do final do século XIX, provocou o surgimento de novos conceitos e novas áreas de especialização e, conseqüentemente, de novos termos (CABRÉ, 1993). E ainda segundo Cabré: "Para los especialistas, la terminología es el reflejo formal de la organización conceptual de una especialidad, y un medio inevitable de expresión y de comunicación profesional." (CABRÉ; 1993: 37)

Por esse motivo, buscamos subsídios teóricos também na área da Terminologia, constituindo-se o foco da pesquisa numa interface entre Biblioteconomia e Terminologia e estando embasada, mais especificamente na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré e seus colaboradores. A opção por essa nova teoria terminológica justifica-se por ser uma linha teórica que se estrutura a partir da priorização dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas, ao invés de deter-se apenas nos propósitos normalizadores da teoria fundadora da Terminologia Clássica (TGT) proposta por Eugen Wüster e seus seguidores da Escola de Viena. A inscrição nessa linha teórica, portanto, representa o reconhecimento de que em situações profissionais reais há uma

multiplicidade de registros que mantém seu caráter especializado, mas também apresenta características de unidades lexicais manifestadas em outras situações discursivas e assim pode contemplar toda essa complexidade. Houve, portanto, uma preocupação em contribuir, no sentido de propiciar e estimular uma análise da terminologia da Área de Organização e Tratamento da Informação e atingir, se possível, um consenso que possibilitasse uma maior clareza no que diz respeito ao vocabulário técnico e científico da Área, almejando, outrossim, viabilizar uma melhor comunicação entre os seus especialistas.

A partir disso, houve necessidade de estabelecer um *modus faciendi* para que pudessemos aferir os resultados desejados.

4 Da metodologia

Primeiramente, fazia-se necessária uma análise para verificar a existência ou não das supostas convergências ou divergências de sentido na ocorrência dos termos em situação discursiva. Para tanto, todos os docentes da Área foram convidados a fazer um levantamento dos termos que julgassem essenciais ou relevantes nas suas respectivas subáreas específicas. Os procedimentos de análise dos termos coletados incluíram a verificação das diferentes marcas semânticas evidenciadas nas definições e nos contextos em que os termos foram coletados. O *corpus* de pesquisa constituiu-se também de textos relativos a Área de Organização e Tratamento da Informação, publicados predominantemente de 1990 a 2005, uma vez que neste período se observa uma maior reflexão teórica dos conteúdos que constituem esta área temática.

Após, foram feitas tentativas de elaboração de definições. Depois das definições elaboradas, foram comparadas com definições existentes em glossários, dicionários especializados e bem como em *corpus* textual. Finalmente, foram redigidas novas definições e registradas em um glossário terminológico, levando em conta o posicionamento teórico adotado pelo Curso de Biblioteconomia da UFRGS, a partir de uma reflexão sobre os objetivos e os conteúdos estabelecidos para as disciplinas da Área de Organização e Tratamento da Informação. As definições foram elaboradas por compreensão e/ou por extensão, buscando apoio na Terminologia (LARA, 2004 e KRIEGER; FINATTO, 2004).

Entende-se como definição por compreensão ou intensão, quando a mesma faz menção ao conceito genérico mais próximo (conceito superordenado) e às características distintas que determinam o conceito a ser definido. Por exemplo:

ANÁLISE DOCUMENTÁRIA - Processo de interpretação de textos que implica compreender, selecionar e hierarquizar informações, com a finalidade de extração de conceitos (desestruturação). É constituído por etapas de análise e síntese, que resultam em representações condensadas (estruturação: resumos e índices) tendo em vista a recuperação de/acesso a informações.

De outra parte, entende-se como definição por extensão ou extensional quando esta descreve o conceito genérico pela enumeração exaustiva dos conceitos específicos aos quais se aplica (conceitos subordinados). Por exemplo:

LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA – Vocabulário controlado utilizado para a representação e registro dos assuntos dos documentos. É o instrumento que permite indexar e recuperar as informações armazenadas em um sistema de informação. São categorizadas por abrangência em universais ou especializadas. Pela forma de apresentação podem ser enquadradas em codificadas (CDD, CDU, LC) e alfabéticas (Cabeçalho de Assuntos e Tesouros). O.D.: Linguagem de indexação.

A elaboração do glossário permitiu visualizar a área com mais clareza, e um melhor entendimento dos conceitos dessa área, possibilitando a construção de seu mapa conceitual. Esses produtos, o glossário e a obra didática, gerados pela pesquisa, constituirão uma contribuição importante principalmente no âmbito acadêmico, que ainda se ressentia da falta de material didático disponível em vernáculo para professores e estudantes.

5 Conclusão

O desenvolvimento da pesquisa gerou uma reflexão que demandou um olhar crítico. Como produto mais importante pode-se dizer que resultou em uma maior conscientização do panorama atual da área propriamente dita, bem como da sua terminologia. Uma conscientização, também, de que não é possível atingir uma univocidade absoluta, como propunha a TGT nem mesmo numa mesma área de conhecimento. Isso porque termos

novos convivem com termos antigos por um período de tempo e a substituição dos termos já consolidados e vigentes durante um espaço de tempo maior por termos emergentes não é automático nem garantido, como poderíamos supor. Também na ciência ocorrem modismos e neologismos que necessitam de um certo período para firmarem sua credibilidade e nem sempre resultarão em termos preferidos. Termos de empréstimo bem como estrangeirismos são muito bem aceitos por determinados grupos de pesquisa enquanto que, por este simples fato, não são bem aceitos por outros.

Somos levados a reconhecer que os termos técnicos e científicos se caracterizam como unidades de conhecimento, mas que as terminologias se constituem de unidades lexicais, portanto, componentes naturais dos sistemas lingüísticos, e por isso passíveis de serem submetidas a tudo o que atinge os demais componentes dos sistemas lingüísticos. Comportam-se como qualquer outro léxico – lugar onde ocorrem empréstimos, comparações, mudanças de sentido, variações, polissemias - o trabalho de reformulação é, portanto, constante. Assim sendo, não se pode mais hoje eternizar as terminologias, pois que são frágeis, humanas e mutáveis.

ABSTRACT

A report of the experience of constructing a Glossary in the field of information management by professors of the Course of Library Science at the Federal University of Rio Grande do Sul. The idea emerged because of the diversity of denominations used by professors and present in library literature itself. This glossary shall constitute the starting point for the development of teaching material in this field. It presents the phases of the methodology used, and is theoretically grounded on the Communicative Theory of Terminology.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Profissional da Informação: entre o espírito e a produção. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomin (Org.). **O Profissional da Informação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p. 31-51.
2. BENVENISTE, Emile. **Problemas de lingüística geral**. Campinas : Pontes, 1989.

3. CABRÉ, Maria Teresa. **La Terminología: teoría, metodología, aplicaciones.** Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.
4. **CURSO de Biblioteconomia da UFRGS:** currículo 2000. Porto Alegre: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, 2000.
5. DODEBEI, V. L. D. **Tesauro:** linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002. 119p.
6. FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Paradigmas modernos da Ciência da Informação.** São Paulo: Polis; APB, 1999.
7. GUIMARÃES, José Augusto Chaves. O Profissional da Informação sob o Prisma de sua formação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomin (Org.). **O Profissional da Informação, perfil e atuação profissional.** São Paulo: Polis, 2000. p. 31-51.
8. GUIMARÃES e SILVA, Junia. Ciência da Informação: uma ciência do paradigma emergente. In: PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro (Org.). **Ciências da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade.** Brasília; Rio de Janeiro: IBICT, 1999.
9. KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia;** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004. p.92-105
10. KUHN, Thomas S. **A Estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1975. 257.
11. LARA, M. L. Ginez de. Diferenças conceituais sobre sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ciência da Informação,** Brasília,v.33, n.2, p.91-96, maio/ago.2004.
12. MACEDO, Neusa Dias; MODESTO, Fernando. Equivalências: do serviço de referência convencional a novos ambientes de redes digitais em bibliotecas. **Revista de Biblioteconomia e Documentação,** São Paulo, Nova Série, v.1, n1, p.38- 72 1º sem. 1999.
13. OLIVEIRA, Marlene de; ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Os Paradigmas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e os novos Contextos de Informação. In: CASTRO, César Augusto (Org.) **Ciência da Informação e Biblioteconomia: múltiplos discursos.** São Luís, Edufma, 2002. p. 35-49.

